

Análise do conector *atrás de*: uma visão funcional centrada no uso

*Analysis of the connector [atrás de]:
a functional usage-based view*

Ivo da Costa do ROSÁRIO

Universidade Federal Fluminense
CNPq
ivorosario@id.uff.br



Marcello Martins MACHADO

Universidade Federal Fluminense
marcello_martins@id.uff.br



Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar e descrever os usos do conector [atrás de] na função de articulador de orações em língua portuguesa. A coleta de dados sincrônicos foi feita no *Corpus do Português*. Emprega-se uma metodologia mista (LACERDA, 2016), que mescla a análise de dados em viés quantitativo e qualitativo. O arcabouço teórico adotado é o da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), nos termos de Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) e Rosário e Oliveira (2016), sob a compreensão de que o elemento fundante da gramática é a construção, ou seja, um pareamento simbólico de forma e sentido (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001). O trabalho também mobiliza outros conceitos de base cognitivo-funcional, como categorização e *chunking* (cf. BYBEE, 2010; 2016), neoanálise e analogização (cf. TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013), subjetividade (cf. TRAUOGOTT; DASHER, 2002), além de outros associados à articulação de orações no plano funcional (LEHMANN, 1988; MATTHIESSEN; THOMPSON, 1988; GIVÓN, 1990; HOPPER; TRAUOGOTT, 1993; NEVES, 2001; BRAGA, 2001). Com base em uma amostra de 100 ocorrências de [atrás de], foram encontrados 10 dados na função de articulador de orações. Esse conector, híbrido por natureza, combina orações com características de complementação circunstancial e de hipotaxe de finalidade.

Palavras-chave: atrás de; conector; Funcionalismo.

Abstract: This work aims to analyze and describe the uses of the connector [atrás de] as a sentence articulator in Portuguese. A synchronous data collection was carried out on the page *Corpus do Português*. The collected data was explored using a mixed methodology (LACERDA, 2016), which combines both quantitative and qualitative analyses. The theoretical framework adopted is that of the Usage-Based Functional Linguistics (LFCU), in terms of Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) and Rosário e Oliveira (2016), under the understanding that the founding element of grammar is the construction, that is, a symbolic pairing of form and meaning (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001). The work also mobilizes other cognitive-functional concepts, such as categorization and *chunking* (cf. BYBEE, 2010; 2016), neoanalysis and analogization (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), subjectivity (cf. TRAUGOTT; DASHER, 2002), in addition to other notions that are associated with the combination of clauses in a functional level (LEHMANN, 1988; MATTHIESEN; THOMPSON, 1988; GIVÓN, 1990; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; NEVES, 2001; BRAGA, 2001). Based on a sample of 100 occurrences of [atrás de], it was observed that, in ten of them, this connector functioned as an articulator. Hybrid by nature, it combines clauses with characteristics of circumstantial complementation and hypotaxis of purpose.

Keywords: *atrás de*; connector; Functionalism.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho está inserido em um projeto maior, que consiste em rastrear a rede [X de]_{connect}, investigada por Rosário (2022), no âmbito do CCO - Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações. A microconstrução conectora *atrás de* é um item dessa ampla rede construcional, altamente produtiva em língua portuguesa. Contudo, a investigação desse elemento procedural revela traços que o particularizam no rol desses conectores. Daí a motivação para o desenvolvimento desta pesquisa.

Vale destacar que, neste trabalho, assumimos o termo *conector* em uma acepção mais geral que *conjunção*. Segundo Souza (2008), conector designa quaisquer expressões linguísticas utilizadas para ligar segmentos maiores ou menores do texto/discurso, estabelecendo relações semânticas diversas. Como esclarecem Rosário e Sambrana (2021, p. 216), “os conectores podem ser representados por palavras gramaticais, por palavras lexicais ou por outras unidades linguísticas”. Neste trabalho, estabelecemos distinção entre “conector de termos” e “conector de orações”, a depender dos elementos articulados por esses instrumentos de função procedural.

Defendemos que o conector *atrás de* é capaz de integrar orações. Essa proposição não é contemplada de modo claro ou exato na literatura de modo geral. Mateus et al. (2003) e Bechara (2009), por exemplo, identificam o *atrás de* sob o rótulo de locução prepositiva, destacando a sua função de ligar palavras. Castilho (2016) adota uma visão semelhante à dos demais autores ao afirmar que essa “locução prepositiva” é derivada do latim *trans ad* (lado oposto à face, lado oposto àquele que se vê ou de que se fala), sendo, atualmente, usada em língua portuguesa como uma preposição de eixo transversal de posição posterior. Cunha e Cintra (2016, p. 578, itálicos do autor), nessa mesma linha, afirmam: “a preposição *trás*, que indica situação posterior, arcaizou-se. Na língua atual é substituída pelas locuções *atrás de* e *depois de*”.

A classificação de um elemento gramatical como preposição ou locução prepositiva (ou preposição complexa) implica a defesa de que a sua função precípua é a de atuar no nível frásico, integrando termos (MATEUS et al., 2003; PERINI, 2005; BECHARA, 2009; ROCHA LIMA, 2011; CASTILHO, 2016; CUNHA; CINTRA, 2016).

Vejamos alguns dados iniciais de *atrás de*:

- (1) “Os Pirates se encontram [**atrás dos**] Cardinals, no terceiro lugar da divisão. O time conta com um percentual de campanha de 47,6% e está cinco jogos atrás da liderança. Ultimamente, Pittsburgh tem mostrado um bom aproveitamento e venceu sete das últimas dez partidas. Para conseguir uma vaga de Wild Card, a franquia precisa

fechar uma diferença de 4.5 jogos.” (CP, Notícia, 30 jun. 2019). Disponível em: < <https://www.theplayoffs.com.br/mlb/milwaukee-brewers-derrotam-pirates-milesima-rebatida-yelich/>>. Acesso em: 04 set. 2022.

- (2) “Solange contou que estava junto com o motoentregador há 7 anos, e que mesmo não tendo filhos juntos, ele era como um pai para as duas meninas fruto de um relacionamento anterior da atendente. ““Luiz estávamos juntos há 7 anos. Ele era nota 10, simples, trabalhador, ele corria [**atrás de**] realizar os sonhos dele, nós não tínhamos filhos, mas ele era um pai excelente cuidava muito bem das minhas filhas”, conta.” (CP, Notícia, 30 jun. 2019). Disponível em: < <https://midiamax.uol.com.br/cotidiano/2019/em-protesto-familia-de-morto-por-policiais-no-noroeste-pede-investigacao-do-caso/>>. Acesso em: 18 maio 2019.

Em (1), é bastante evidente que o conector *atrás de* integra dois termos de uma frase: o time Cardinals se encontra em uma posição anterior à equipe Pirates. De fato, temos uma integração frásica, corroborando a perspectiva defendida pela ampla maioria dos gramáticos de considerar esse elemento, em termos mais tradicionais, como locução prepositiva (ou preposição complexa). No exemplo (2), por outro lado, notamos o uso do conector *atrás de* no campo da combinação de orações, já que integra o evento *correr* ao evento *realizar*.

Em termos funcionais, em (1), o conector *atrás de* cumpre um papel distinto do atestado em (2). Neste último, *atrás de* afasta-se de seu uso mais canônico, que é o plano das relações frásicas, para desempenhar o papel de articulador de orações, cumprindo um papel análogo ao das conjunções, o que não é comumente previsto pelas gramáticas normativas. Devido a esse tratamento lacunar do tema, este artigo concentra-se exatamente nesses usos.

Nesta introdução, é importante abordar outro ponto importante. No enquadre tradicional, os conectores oracionais são normalmente classificados como conjunções coordenativas ou conjunções subordinativas. Nesse último grupo, estão as conjunções que integram orações substantivas e adverbiais (cf. BECHARA, 2009; ROCHA LIMA, 2011; CUNHA; CINTRA, 2016).

No entanto, se lançarmos um olhar mais minucioso para o dado (2), notaremos um imbróglio. Nessa ocorrência, o conector *atrás de* codifica uma relação semântica de finalidade na relação sentencial. O personagem “corre atrás de algo”, pois ele tem como objetivo ou finalidade “realizar os sonhos dele”. Todavia, somado a essa constatação, é possível defender que o conector encabeça uma oração [+encaixada], ligada ao verbo precedente, que é o verbo *correr*.

Por um lado, temos um conector [atrás de] estabelecendo um vínculo semântico entre as orações por meio do valor circunstancial de finalidade (tal como se dá com as orações hipotáticas). Por outro lado, há igualmente um forte vínculo sintático entre as duas orações, com um certo grau de encaixamento (tal como ocorre com as orações completivas). Essas duas análises poderiam ser esquematizadas da seguinte maneira:

- a) Ele corria [**atrás de** realizar os sonhos dele] – oração hipotática
- b) Ele corria **atrás [de** realizar os sonhos dele] – oração completiva

A proposta tradicional, que está calcada em uma visão rígida das categorias gramaticais, não dá conta desse fenômeno em análise. Vale destacar que, tanto em *a* quanto em *b*, a forma verbal adjacente *corria* está em contiguidade com *atrás de*. Contudo, defendemos que há uma certa ambiguidade estrutural na configuração de [*atrás de*], que pode ser visto ora como uma unidade sintagmática (como em *a*), ora como uma expressão formada por dois elementos mais ou menos distintos (como em *b*). Essa é a chave da questão. Essa ambiguidade espelha, com bastante clareza, a gradiência da gramática, consubstanciada no jogo de estabilidades e de instabilidades que caracteriza as línguas humanas, em permanente processo de variação e mudança.

Levando em conta essas considerações iniciais, para a análise adequada de *atrás de*, marcado por um comportamento gramatical essencialmente híbrido, é necessário adotar uma visão teórica que assuma a fluidez categorial como um de seus princípios. A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) atende a essa perspectiva analítica e oferece, sem dúvida, uma descrição robusta e conceitualmente consistente para essas situações que emergem dos dados empíricos das línguas humanas. Na seção seguinte, vamos apresentar a LFCU em mais detalhes.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como já indicado, este trabalho está alicerçado no arcabouço teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), nos termos de Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), Rosário e Oliveira (2016), Rosário, Oliveira e Lopes (2022). Nessa perspectiva, concebemos a gramática como um sistema adaptativo complexo cuja unidade básica e fundante é a construção, compreendida como um pareamento entre forma e sentido (GOLDBERG 1995; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Somando-se a essa ideia, temos a metáfora da rede. Langacker (1987) postula que a língua é uma rede de construções complexas e hierarquizadas composta por nós (construções)

e *links* (que interconectam as construções em perspectiva sintagmática e paradigmática). O conector *atrás de* pode ser compreendido como um elemento dessa vasta rede de construções, que herdou metaforicamente o traço semântico espacial do advérbio *atrás* e o traço procedural da preposição *de*.

Dentro desse escopo teórico, a obra de Traugott e Trousdale (2013) oferece importantes conceitos para a operacionalização desta pesquisa. Ainda que tenha sido desenvolvida para dar conta da mudança em língua inglesa, seus postulados são perfeitamente operacionalizáveis em uma abordagem sincrônica, tal como é o caso deste trabalho. Os autores refletem, entre outros conceitos, sobre a noção de esquematicidade, que aponta para a existência de diferentes graus de abstração das construções linguísticas, desde instâncias mais abstratas até instâncias mais especificadas. Na hierarquia construcional, distinguem-se três níveis básicos de esquematicidade: esquema, subesquema e microconstrução.

O esquema, como o próprio conceito aponta, é o nível mais alto de abstração. Tomando-se o *atrás de* como ponto de partida, podemos postular que [X de] é o esquema ao qual esse elemento está vinculado, o que é comprovado a partir de suas propriedades formais e funcionais comuns. Em um nível mais baixo, temos o subesquema [Adv de], considerando que esse nível está configurado como um *slot* aberto representado por Adv (advérbio), adjungido a uma preposição preenchida, no caso, *de*. Por fim, no nível mais elementar da esquematicidade, temos a microconstrução *atrás de*, composta de elementos totalmente especificados.

Além da esquematicidade, também são centrais os conceitos de produtividade e de composicionalidade. Traugott e Trousdale (2013, p. 17) afirmam que a produtividade de uma construção diz respeito a sua extensibilidade, ou seja, (i) o grau em que os esquemas sancionam outras construções menos esquemáticas ou (ii) o grau em que tais esquemas são restringidos.

A composicionalidade, por sua vez, pode ser compreendida por meio de dois pontos de vista:

Composicionalidade semântica diz respeito à soma dos significados das partes. Assumimos que uma construção é mais composicional em termos semânticos quando o significado das partes ainda é recuperado no significado do todo. *Composicionalidade sintática*, por sua vez, diz respeito ao nível de integridade morfossintática das subpartes, no sentido de que quanto mais composicional, mais essas subpartes retêm as propriedades gramaticais de sua categoria fonte. (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 246).

Traugott e Trousdale (2013) acrescentam, ainda, que as construções também podem ser caracterizadas por diferentes dimensões, que são medidas por tamanho, especificidade fonológica e conceptualização. O tamanho pode ser atômico, complexo ou intermediário. A especificidade fonológica pode ser substantiva, esquemática ou intermediária. Por fim, a conceptualização pode ser conteudista, procedural ou intermediária. Ancorados nessa perspectiva teórica, afirmamos que *atrás de* é uma microconstrução complexa (formada por mais de um item), substantiva (é totalmente preenchida) e procedural (atua no nível gramatical, integrando termos, orações e unidades maiores do texto).

Na LFCU, a neoanálise e a analogização são conceitos de grande relevância. Ambos têm uma forte base metafórica e impactam tanto o nível sintagmático quanto o nível paradigmático. A analogização age na medida em que um novo pareamento de forma e significado é formado a partir de um modelo cognitivamente já disponível na mente dos falantes. Assim, por exemplo, *atrás de* segue uma configuração formal e funcional já armazenada em nossa memória, que herda traços de níveis esquemáticos mais altos:



A neoanálise, por sua vez, age no nível sintagmático. Segundo Traugott e Trousdale (2013), esse fenômeno acontece quando o falante, em dado momento, toma um termo já convencionalizado pela comunidade e lhe atribui um sentido distinto do convencional. Logo, as subpartes *atrás* (advérbio) e *de* (preposição), em determinados contextos de uso, são neoanalisadas (analisadas de uma nova maneira) para cumprir um papel inédito na língua, que, no caso, é o de conector oracional (e não mais apenas conector de termos).

Associado à neoanálise, temos o conceito de *chunking* (BYBEE, 2016). Esse fenômeno tem uma natureza mais metonímica, já que é consequência de um processo de contiguidade, de uma proximidade gradual entre os itens linguísticos. Para Bybee (2016), dois ou mais elementos do mundo biofísico, frequentemente registrados em uma

situação de circunvizinhança, tendem a ser concebidos pelos indivíduos como um único elemento. Essa capacidade humana se estende à gramática. Especulamos que, devido às subpartes *atrás* e *de* estarem em situação de adjacência, o falante passa a realizar uma nova leitura de ambos os itens, o que resulta na convencionalização inovadora de um elemento complexo (*atrás de*). Apesar de serem fenômenos linguísticos distintos, reconhecemos que a neoanálise e o *chunking* atuam juntos na formação de novos nós das línguas. É o que certamente aconteceu com o conector *atrás de*. Como podemos notar, a nova leitura, ou seja, a noção de finalidade, advém da neoanálise. Já a integração das subpartes ocorre pelo processo de *chunking*, que age gradualmente, à medida que as expressões vão perdendo composicionalidade.

A subjetivização (TRAUGOTT; DASHER, 2002) também está presente na mudança linguística e pode ser captada na formação da microconstrução conectora *atrás de*. Esse fenômeno diz respeito ao papel ativo dos falantes na comunicação, os quais marcam as suas perspectivas particulares nos atos comunicativos do cotidiano. Na visão da LFCU, a língua é fortemente impactada pela subjetividade; assim, nós, falantes, projetamos continuamente as nossas crenças, os nossos valores, os nossos pontos de vista e as nossas experiências sobre a linguagem, impactando-a em maior ou menor grau.

Feito esse breve detalhamento de importantes aspectos conceituais da LFCU, vale destacar outro ponto igualmente importante em nossa pesquisa, que é o processo de combinação de orações. Os autores funcionalistas postulam que a dicotomia *coordenação* e *subordinação* não dá conta dos fenômenos de articulação de orações na língua em uso (cf. DECAT, 2001; ROSÁRIO, 2020, 2022; ROSÁRIO; WIEDEMER, 2020). Essa bipartição indica uma visão redutora das relações sintáticas e não contempla as motivações discursivas que emergem nesses processos. Hopper e Traugott (1993) destacam que, na verdade, na combinação de orações, há um *continuum* que começa na parataxe, passa pela hipotaxe e culmina na subordinação. Os autores definem essas três etapas graduais da seguinte maneira:

- a) Parataxe: relação de independência relativamente maior entre as orações. Traços de [- dependência] e [- encaixamento];
- b) Hipotaxe: maior interdependência entre a oração matriz e a oração secundária. Traços de [+ dependência] e [- encaixamento];
- c) Subordinação: dependência completa entre núcleo e margem. Encaixamento da oração secundária na oração primária. Traços de [+ dependência] e [+ encaixamento].

Essa proposta dos autores visa a romper com a tradicional dicotomia que costuma caracterizar os processos tradicionais de coordenação e subordinação. Ao contrário disso, propõe-se que a combinação de orações seja aferida por meio de uma relação gradiente, que vai da menor integração (parataxe) até um máximo de compactação (subordinação).

Lehmann (1988) também apresenta proposta semelhante à de Hopper e Traugott (1993). O pesquisador postula a existência de um grau máximo e de um grau mínimo na integração das sentenças. Nessa concepção, temos o estatuto sentencial (a coordenação) em um extremo do *continuum* e o alto grau de dessentencialização em outro extremo. Entre esses dois polos, temos um ponto intermediário, que é justamente onde estão as orações adverbiais ou hipotáticas. Rodrigues e Barbosa (2007), ancoradas nos pressupostos do pesquisador alemão, apresentam a seguinte proposta de *continuum*:

Figura 1 – Da não dependência à máxima integração



Fonte: Rodrigues e Barbosa (2007).

A parataxe representa a não dependência, ou seja, o grau máximo de independência entre orações (exemplificada pela coordenação). A hipotaxe (exemplificada pelas adverbiais) é representada pela presença da dependência, mas não da integração. No encaixamento já podemos falar de integração plena, visto que uma oração é parte constituinte da outra (o que é exemplificado pelas orações substantivas ou completivas). O predicado complexo, por fim, é o grau máximo de dessentencialização, ou seja, quanto mais dependente uma oração se torna, menos estatuto de oração ela terá. É o que se dá, por exemplo, com os verbos principais que se transformam em modais, auxiliares e afixos.

Nesse debate, Matthiessen e Thompson (1988) acrescentam que é fundamental incluir a função discursiva desempenhada pela combinação de orações. Nessa esteira, para Givón (1990), há uma relação icônica entre a combinação de orações e a integração dos eventos. Nenhuma oração, portanto, é totalmente independente de seu contexto oracional imediato. Esses autores defendem, em síntese, que a articulação de orações reflete a estrutura do discurso, o que demanda uma visão mais ampla para explicar

esse tema. Portanto, é necessário ir além do nível sintático, não se limitando a um tratamento puramente gramatical do tema.

Baseada em Matthiessen e Thompson (1988) e alinhando-se a Givón (1990), Decat (2001) também defende que a combinação de orações reflete a organização retórica do discurso. Assim, a noção de finalidade, por exemplo, é uma noção semântica que pode estar presente em qualquer parte do texto, podendo ser expressa por variadas relações discursivas construídas pela combinação de distintos arranjos e categorias gramaticais. Essa relação retórica, por questão de economia linguística e de maior clareza, em muitos casos, costuma ser codificada na combinação de orações por meio de conectores específicos. A microconstrução conectora *atrás de* é um desses mecanismos, como veremos em detalhes.

Para finalizar essa breve exposição acerca da combinação de orações na perspectiva funcionalista, evocamos o trabalho de Braga (2001). A autora, à maneira dos demais aqui citados, também reconhece que as orações hipotáticas representam unidades retóricas do discurso e que o encaixamento é considerado como um reflexo semântico-pragmático da articulação dos eventos, tal como Givón (1990).

A novidade trazida pela autora está na conjugação do modelo de combinação de orações de Hopper e Traugott (1993) ao eixo das relações lógico-semânticas de Halliday (1985). Com isso, propõe-se que uma mesma relação semântica pode ser codificada por diferentes estratégias sintáticas de combinação de orações. A finalidade, por exemplo, por esse prisma, poderia ser codificada por meio de orações hipotáticas (como é comum na literatura) ou de orações mais encaixadas, no nível da subordinação *stricto sensu*.

Esse trabalho de Braga (2001) serviu como uma chave central para a compreensão do papel formal e funcional do conector *atrás de*, como veremos na análise de dados. Amparados nessa ideia e considerando a natureza fluida e gradiente da gramática das línguas humanas, com base nos dados de língua em uso, postulamos que muitas combinações de orações podem se dar no entremeio dos processos canônicos. Isso é possível por conta da ambiguidade sintática que marca esses usos, como é justamente o caso de *atrás de* nos dados oracionais que analisamos. Em outras palavras, esse conector estaria no intermédio entre a hipotaxe e o encaixamento.

Após essas importantes reflexões de cunho teórico, para a viabilidade de nossa análise de dados e para atingir os nossos objetivos, precisamos realizar uma breve reflexão sobre a semântica de finalidade. Radden e Dirven (2007) afirmam que o valor de finalidade emerge da relação do indivíduo com o espaço, mais precisamente da noção de direção.

Por sua vez, o senso de direção do ser humano é sempre fixado a partir de um determinado ponto de referência.

O falante ou escrevente, ao fixar um propósito, costuma elaborar um planejamento cujo objetivo é direcionar seu intento até uma determinada meta. Para isso, ele parte de uma origem e percorre um caminho com vistas a atingir um objetivo. Esses objetivos são destinos, são metas a serem logradas por esses eventos/percursos.

É por meio da relação do indivíduo com o espaço que a noção de propósito ou finalidade emerge. Uma finalidade é uma meta a ser alcançada, é um ponto de chegada que se almeja alcançar a partir de uma trajetória. É nesse sentido que a ideia de finalidade emerge da noção espacial de direção, pois a finalidade é sempre algo a se alcançar, algo que está à frente.

Esta seção detalhou brevemente o arcabouço teórico que este trabalho adota para análise, ou seja, a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Em seguida, abordamos muito brevemente alguns procedimentos metodológicos para, a partir daí, apresentarmos nossa análise de dados.

3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa emprega o método misto de análise (cf. LACERDA, 2016), que coaduna procedimentos qualitativos com quantitativos. O equacionamento entre quantidade e qualidade lança luz sobre o papel funcional da microconstrução conectora *atrás de*. Contudo, vale destacar que haverá maior destaque para os aspectos qualitativos, haja vista o limitado número de dados com que trabalhamos nesta fase da pesquisa.

A coleta de dados foi feita com base no *Corpus do Português*, disponível em <https://www.corpusdoportugues.org/>, a partir de ocorrências produzidas por usuários da língua portuguesa entre 2012 e 2019. Na interface NOW (*News on the Web*) do *corpus*, recolhemos as 100 primeiras ocorrências de *atrás de*, coletadas por meio de busca eletrônica. Essa centena de dados pode ser classificada conforme Tabela 1.

Tabela 1 – *Types* e *tokens* de [atrás de]

Types	Tokens
[atrás] + [de]	13
Conector de termos	77
Conector de orações	10
Total	100

Fonte: autoria própria

Como se verifica, *atrás de* cumpre, na maior parte dos casos (87%), um papel de conector em língua portuguesa, tendo sua produtividade mais alta como conector de termos (77%), o que já era previsto, segundo pesquisa de Rosário (2022). Em apenas 13 ocorrências do *corpus* há uma fronteira entre *atrás* e *de*, de modo que são duas unidades distintas no discurso (daí sua representação na Tabela 1 como [atrás] + [de]).

Os três diferentes usos indicados na Tabela 1 serão apresentados na seção seguinte, dedicada à análise de dados, com ênfase no uso de *atrás de* como conector oracional, que corresponde a 10% das ocorrências.

Esclarecemos que a análise, apresentada a seguir, está estabelecida em torno de quatro grandes eixos: a) os diferentes papéis funcionais estabelecidos por *atrás de*; b) a pertença de *atrás de* à rede esquemática [X de]_{connect}; c) o valor semântico de finalidade de *atrás de*, no entremeio entre hipotaxe e complementação circunstancial; e d) a noção de finalidade como derivação metafórica da noção de espaço.

4 ANÁLISE DE DADOS

Na seção de Fundamentação Teórica, apontamos a neoanálise e a analogização (TRAUGOTT; TROUDALE, 2013), o *chunking* (BYBEE, 2016) e a subjetivização (TRAUGOTT; DASHER, 2002) como processos ou mecanismos responsáveis pela formação de novos nós na rede construcional dos conectores em língua portuguesa. Alicerçados nesses pressupostos teóricos da LFCU, passemos à análise inicial de três ocorrências de nosso *corpus*. Essas ocorrências correspondem aos diferentes usos de *atrás de* apontados na Tabela 1 da seção anterior:

- (3) “Uma das cenas mais famosas desta icônica longa-metragem acontece num labirinto que supostamente está localizado logo [**atrás**] [**do** hotel]. Mas na fotografia de inauguração deste hotel, que se vê logo no início do filme, não há labirinto, apenas um estacionamento e algumas montanhas.” (CP, Notícia, 25 maio 2019). Disponível em: < <https://www.maxima.pt/atual/detalhe/os-20-maiores-erros-do-cinema-e-da-televisao> >. Acesso em: 04 set. 2022.
- (4) “Em março deste ano, o mundo da sétima arte perdeu uma de suas maiores entusiastas. [**Atrás das câmeras**], Agnès Varda se consolidou na Nouvelle Vague francesa com sua obra feminina e feminista e abriu caminho para as mulheres que vieram depois. Na esteira das homenagens à diretora belga, Petra Costa confessou que quando descobriu o cinema de Agnès sentiu que encontrava ali inspiração para o tipo de obra que sonhava em fazer.” (CP, Notícia, 27 maio 2019). Disponível em: < <https://www.maxima.pt/atual/detalhe/os-20-maiores-erros-do-cinema-e-da-televisao> >. Acesso em: 04 set. 2022.

- (5) “Oitavo disco de inéditas do ruivo, o registro marca uma nova fase de sua carreira, agora como artista independente. “Faziam quatro anos que eu não lançava um disco de estúdio. Nesse meio-tempo, além da estrada, eu estava empenhado na estruturação do meu escritório”, conta Nando, em entrevista ao Hoje em Dia. “Agora que sou independente e tenho um selo, fui [**atrás de** criar modelos próprios], metodologias únicas para esse lançamento”, completa.” (CP, Notícia, 01 mar. 2018). Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/almanaque/nando-reis-encerra-turn%C3%AA-de-jardim-pomar-com-show-em-belo-horizonte-neste-s%C3%A1bado-1.602636>. Acesso em: 04 set. 2022.

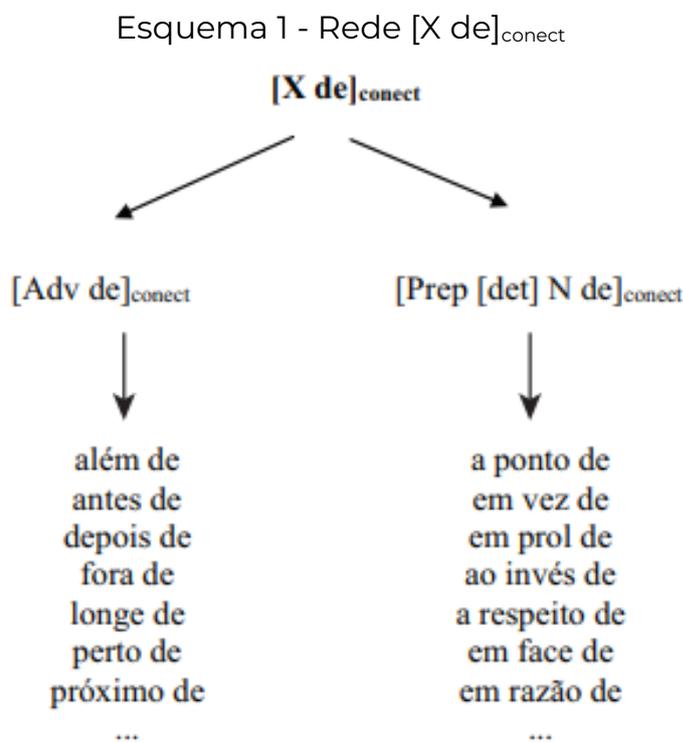
No dado (3), verificamos que *atrás* e *de* são elementos autônomos, ou seja, não constituem um elemento complexo. O item *atrás* é um advérbio espacial utilizado à esquerda de uma “fronteira” que o separa da preposição *de*. Podemos dizer que são dois elementos composicionais, preservados em suas partes formais e funcionais. A expressão “do hotel” tem valor análogo ao de um complemento. Ao todo, foram encontrados 13 casos como esse, representados na Tabela 1 como [*atrás*] + [*de*].

No dado (4), *atrás de* está mais integrado, evidenciando a ação do processo de neoanálise (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e de *chunking* (BYBEE, 2016). À diferença do dado anterior, em (4), *atrás de* é uma unidade complexa com maior autonomia, no sentido de que introduz um sintagma, sem elementos adjacentes à esquerda. De fato, *atrás de* inicia o período, em posição absoluta. Certamente a neoanálise ocorreu devido à justaposição de ambos os elementos em contextos de alta frequência de uso. Assim, o que era contíguo passou a ser conceptualizado de um modo novo, mais integrado, dando origem a esse conector de termos comumente rotulado na tradição gramatical como locução prepositiva ou preposição complexa.

Por fim, a ocorrência (5) nos mostra o *atrás de* seguido da oração “criar modelos próprios”. Nesse dado, é possível defender que o conector *atrás de* está sendo recrutado para um uso diferente dos anteriores, pois agora atua no âmbito da combinação sentencial. Nos termos de Himmelmann (2004), deu-se o que denominamos *mudança de contexto sintático*, visto que houve uma expansão para um novo uso: *atrás de* com valor prepositivo (especializado na ligação de termos frásicos) passou a ser usado na ligação de orações. Sem dúvida, não se trata de um conector canônico, haja vista sua contiguidade com o verbo *ir* (flexionado na forma *fui*) à esquerda, já bastante abstratizado. Contudo, esse é um contexto de combinação de orações distinto dos anteriores¹.

¹Agradecemos ao parecerista anônimo, por ter apresentado outra possibilidade de análise para este dado. Segundo a visão do especialista, é possível a defesa de “Agora que” como conector que estabelece implicação causal entre as duas porções: Agora que X, Y, sendo Y preenchido por “fui atrás de criar modelos próprios”. Consideramos essa análise plausível, sem, contudo, excluir a interpretação

Os usos exemplificados em (4) e (5) podem ser explicados pelo efeito de analogização, já que *atrás de* é atraído para uma rede construcional que abriga diversos conectores com essa configuração formal (elemento de natureza adverbial + preposição *de*), conforme se verifica no subesquema [Adv de]_{connect} da rede [X de]_{connect} a seguir:



Fonte: Rosário (2022, p. 371).

Ainda sobre a função de *atrás de* no plano da combinação de orações, alicerçados em Traugott e Dasher (2002), acreditamos que o seu valor de finalidade advém da subjetividade do falante, de sua relação com o espaço. Radden e Dirven (2007) postulam que sempre marcamos as circunstâncias típicas da finalidade em nossa comunicação com relação a três elementos (fonte, caminho e meta), que podem ser ilustrados com base no dado (5). Há uma fonte (a necessidade de uma arte própria), um caminho (a busca da criação de modelos próprios) e uma meta (alcançar a criação desses modelos, dessa arte própria). Esses elementos estão associados a um verbo típico de deslocamento físico, que é o verbo *ir*: “**fui** *atrás de* criar modelos próprios, metodologias únicas para esse lançamento”. Com isso, no dado, fica claro o *frame* de trajetória ou de deslocamento. Como podemos perceber, o falante recruta o *atrás de* para expressar essa relação de busca,

que apresentamos no texto. Aliás, essas diferentes interpretações, em nosso ponto de vista, reforçam a ambiguidade e a gradiência que caracterizam o uso de “atrás de” no plano da combinação de orações em língua portuguesa, o que é uma das principais linhas de defesa deste artigo.

de direcionamento a uma meta, o que metaforicamente é representado pela ideia de finalidade.

Um último aspecto a ser destacado no exemplo (5) é a ambiguidade estrutural que marca o conector *atrás de*, o que já havíamos demonstrado por meio da discussão do exemplo (2). A análise atenta do dado (5) permite duas leituras:

- a) “fui [**atrás**] / [**de** criar modelos próprios]”
- b) “fui / [**atrás de** criar modelos próprios]”

Se interpretarmos o dado como em (a), estaremos diante de uma estrutura de complementação. A oração “de criar modelos próprios” poderia ser classificada como uma estrutura completiva, considerando que a oração não finita “completa” o advérbio “atrás”. De outro lado, se a interpretação seguir na linha do que é apresentado em (b), teremos uma estrutura de hipotaxe, assumindo-se que o verbo *ir* (flexionado como *fui*) é tradicionalmente considerado intransitivo e está seguido de uma oração com valor circunstancial. Essa dupla interpretação, advinda da ambiguidade estrutural de *atrás de*, deve-se justamente a um grau intermediário de composicionalidade entre as subpartes *atrás* e *de*. Nos termos de Bybee (2010), isso ocorre devido um “chunking progressivo” atestado entre os dois elementos que constituem a construção.

Aqui cabe uma importante observação. Rocha Lima (2011) diverge da maioria dos gramáticos tradicionais ao apresentar a existência do chamado *complemento circunstancial* como um tipo de complemento verbal no âmbito do período simples. Nas palavras do autor, o complemento circunstancial “é um complemento de natureza adverbial – tão indispensável à construção do verbo quanto, em outros casos, os demais complementos verbais” (ROCHA LIMA, 2011, p. 252-253). Assim, na oração “Eu irei *a Roma*” (exemplo dado pelo próprio gramático), o segmento em itálico é classificado por ele como complemento circunstancial, à diferença dos demais gramáticos que o classificariam como adjunto adverbial, considerando a suposta intransitividade do verbo *ir*.

Evocamos essa contribuição de Rocha Lima (2011) nesse ponto do texto porque a defesa da existência do complemento circunstancial aponta justamente para um termo de base adverbial/circunstancial que tem mais traços de complementação do que de adjunção. De fato, na frase “Eu irei *a Roma*”, é impensável defender que o verbo *ir* seja realmente intransitivo. Esse complemento – deve ser frisado – tem natureza circunstancial, o que o aproxima das relações adverbiais. Se observamos bem o dado (5), anteriormente apresentado, temos uma estrutura semelhante à

apresentada por Rocha Lima (2011), com a diferença de que estamos no plano do período composto. No trecho “fui atrás de criar modelos próprios”, temos igualmente o verbo *ir* seguido de um complemento (agora oracional). Nesse caso, postulamos que “atrás de criar modelos próprios” assemelha-se ao que denominaríamos *oração completiva circunstancial*. Essa proposta é afinada com a defesa de que orações desse tipo, de alguma forma, amalgamam traços de complementação com traços de hipotaxe circunstancial.

Com base nos argumentos aqui apresentados, defendemos que essa dupla possibilidade de interpretação no uso de *atrás de* está baseada em sua instabilidade categorial, que revela, na verdade, uma relativa composicionalidade entre as suas duas subpartes: *atrás* e *de*. Esse nível relativo de composicionalidade a que nos referimos é expresso a partir da ambiguidade estrutural já demonstrada neste artigo. Assim, surge uma pergunta central: em *atrás de*, temos um advérbio seguido de uma preposição ou temos um conector? Defendemos que, em casos como (2) e (5), *atrás de* é um conector de orações.

De fato, a microconstrução conectora *atrás de* é capaz de integrar orações, como ficou demonstrado. Contudo, sua instabilidade requer que o assumamos como um conector não prototípico ou mais marginal, visto que a) suas subpartes ainda são marcadas por relativa composicionalidade; b) seu uso não se estabelece plenamente dentro de um único processo de combinação de orações, mas no entremeio entre encaixamento (completiva circunstancial) e hipotaxe de finalidade. Isso demonstra a natureza gradiente da gramática, com os processos de neoanálise e de *chunking* ainda em curso.

Vejamos mais alguns dados:

- (6) “Com as Ferrari em perigo, a Red Bull foi [**atrás de**] ter a sua chance de ter os holofotes. Max Verstappen e Pierre Gasly preencheram as terceira e quarta posições com apenas três décimos atrás do carro mais rápido.” (CP, Notícia, 25 maio 2019). Disponível em: < <https://www.flmania.net/fl/leclerc-lidera-ultimo-treino-livre-em-monaco-vettel-encontrou-o-muro/>>. Acesso em: 04 set. 2022.
- (7) “É uma coisa que já andávamos [**atrás de**] tentar conseguir há algum tempo. Interessa-nos esta ideia de a música eletrónica também caber num concerto de teatro, não ser necessariamente uma coisa que tem de ocupar um espaço exclusivo entre as duas e as seis da manhã numa discoteca num sítio qualquer”, partilhou.” (CP, Notícia, 01 mar. 2019). Disponível em: < <https://ptjornal.com/nosso-de-branko-e-um-album-coletivo-que-counta-com-a-participacao-de-lisboa-409000>>. Acesso em: 04 set. 2022.

- (8) “A gente não estava atrás de valor porque essa quantia para aquela instituição de ensino é brincadeira. Nós estávamos **[atrás de]** provar que foi discriminação, para que isso não aconteça com outras pessoas.”, afirmou Sayonara. (CP, Notícia, 31 jul. 2015). Disponível em: <<https://ne10.uol.com.br/canal/noticias/grande-recipe/noticia/2015/07/31/ex-taxista-ganha-acao-de-discriminacao-contra-colegio-damas-559764.php>>. Acesso em: 04 set. 2022.

Nos três dados apresentados, reitera-se a ambiguidade estrutural de *atrás de*, a que vimos fazendo referência neste trabalho, já que atestamos estruturas oracionais com traços de complementação e de hipotaxe de finalidade. Em um enquadre tradicional, essas estruturas seriam inalisáveis, visto que não se enquadram nos limites rígidos das categorias canônicas da gramática normativa.

Em todos os casos há uma forte associação entre os verbos à esquerda de [atrás de] e a oração introduzida por esse conector. Associado a isso, há uma explícita relação retórica de finalidade em cena, já que “ir atrás de ter uma chance”, “andar atrás de conseguir algo” e “estar atrás de provar alguma coisa” codificam objetivos, fins, propósitos.

Como discutimos, a retórica discursiva da finalidade tem sempre três elementos em cena: uma fonte, um caminho e uma meta. Radden e Dirven (2007) explicam que esse esquema *fonte > caminho > meta* é consequência da experiência que todos nós, indivíduos, temos com o espaço. É o que se verifica em todos os dados de conexão oracional até aqui apresentados. A título de ilustração, vejamos o esquema a seguir, com base no dado (6):

Fonte: [empresa] Red Bull

Caminho: ir atrás de

Meta: ter a chance de ter os holofotes

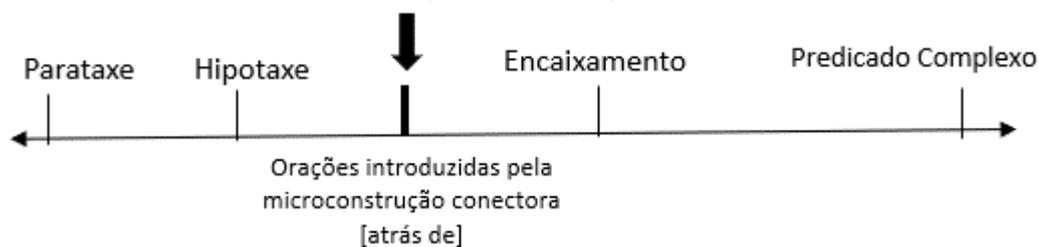
Essa esquematização ajuda-nos a perceber a ação da subjetividade. Afinal, é sempre um sujeito (representado por um ser humano ou metonimicamente por uma instituição ou órgão) que se desloca “atrás de” (em busca de) uma meta ou evento que se deseja alcançar. O uso muito comum de verbos de deslocamento físico, como *ir, andar, correr* etc., colabora com a construção desse *frame* de trajetória, em que um sujeito se coloca em busca de um propósito.

Em síntese, levando em conta os aspectos discursivos analisados e ancorados no *continuum* de Hopper e Traugott (1993), para sermos mais exatos, propomos que essas orações introduzidas por *atrás de* sejam alocadas em um ponto intermédio entre o encaixamento (visto que há uma

relativa dependência sintática entre duas orações) e a hipotaxe (uma vez que há uma interdependência semântica clara entre as orações, da qual emerge o valor de finalidade).

Vale destacar que essa proposta é perfeitamente consentânea com o arcabouço teórico adotado neste trabalho e, o que é ainda mais relevante, espelha um uso natural da língua em uso. Na visão funcionalista, não há dicotomias ou tricotomias envolvendo os processos de combinação de orações. Ao contrário, há um *continuum* marcado por relações de gradiência. Essa proposta pode ser ilustrada por meio do esquema a seguir:

Esquema 2 – Ponto de integração das orações introduzidas por *atrás de*



Fonte: adaptado de Rodrigues e Barbosa (2007).

O Esquema 2 busca demonstrar que as orações introduzidas por *atrás de* apresentam um caráter ambíguo entre o encaixamento e a hipotaxe. Por um lado, há a possibilidade de considerarmos um uso do advérbio *atrás*, seguido de complemento preposicionado introduzido por *de*. Por outro lado, evidencia-se uma relação semântica de finalidade, marcada por todos os seus elementos característicos (fonte, caminho, meta), codificada por um conector tipicamente responsável por articular orações hipotáticas não finitas, situado na rede $[X \text{ de}]_{\text{connect}}$. Essas estruturas oracionais, portanto, exibem tanto uma relativa integração sintática semelhante ao que se verifica nas encaixadas quanto um grau evidente de dependência semântica, o que é característico das hipotáticas.

É possível que as orações introduzidas por *atrás de* tenham mais traços de encaixamento do que hipotaxe em alguns casos, o que poderá ser atestado a partir de uma ampliação no número de dados. Em caso de confirmação desse ponto, o lugar da seta indicada no Esquema 2 estaria mais à direita do *continuum*. Esse “lugar” do ponto de integração das orações instanciadas por *atrás de* certamente é impactado pelo verbo selecionado na oração que antecede o conector, além de outros fatores intervenientes. Apesar de esse aspecto ser muito relevante, não será abordado aqui, neste artigo, devido à limitação do espaço disponível para o tratamento dessa questão. Constitui-se, pois, como uma agenda futura de investigações.

Como já explanamos, Braga (2001) e Decat (2001) postulam que a combinação de orações é reflexo da articulação dos eventos. Nesse sentido, é compreensível que a língua apresente essas estruturas ambíguas, pois o seu uso visa a cumprir propósitos comunicativos bastante específicos, para os quais as estruturas mais canônicas não seriam as ideais ou mais funcionais. Assim, esses usos fronteirizos espelham a criatividade dos falantes que buscam continuamente atingir seus objetivos na interação.

Este trabalho se propôs a analisar e a descrever os usos oracionais da microconstrução conectora *atrás de*, levando em consideração aspectos discursivos. O exame dos dados reais de uso demonstra a incompatibilidade e a limitação das propostas tradicionais de classificação. Categorizações rígidas são contraproducentes, pois não permitem que uma série de usos empiricamente atestados sejam considerados na análise linguística. Esse é certamente o motivo para as orações introduzidas por *atrás de* (e outras análogas) estarem ausentes das descrições gramaticais. Seu caráter difuso e marginal não encontra espaço nas nomenclaturas e classificações da tradição.

Por fim, ressaltamos que todas as dez ocorrências de orações introduzidas por *atrás de* apresentam verbos de ação flexionados no passado (na oração nuclear) e estão sempre enquadradas em uma tipologia narrativa. Sem dúvida, isso pode ser uma limitação do *corpus* adotado para a pesquisa, já que o uso do pretérito em textos narrativos é o cerne do gênero notícia que, por sua vez, constitui a interface *NOW* do *Corpus do Português*. Contudo, esse ponto merece uma investigação mais aprofundada, o que também será feito em etapas posteriores deste estudo. Uma hipótese a ser testada é a própria informalidade que marca o uso de *atrás de*, uma vez que *ir atrás de*, *correr atrás de*, *estar atrás de* denotam uma maior espontaneidade no discurso, já que textos mais formais possivelmente recrutariam formas verbais sintéticas do tipo *buscar*, *procurar*, *perseguir* etc. A ampliação do *corpus* e o desenvolvimento da pesquisa poderão oferecer uma resposta mais robusta para essa questão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos na coleta de dados do *Corpus do Português* nos mostraram uma notável instabilidade no uso de *atrás de* em nossa atual sincronia. Com base na análise de 100 ocorrências, atestamos três diferentes usos: 77 ocorrências de *atrás de* cumprindo a função de conector de termos; 13 ocorrências em que *atrás* e *de* comportam-se como elementos autônomos; e, por fim, 10 ocorrências que comprovam o uso de *atrás de* como conector de orações.

O conector *atrás de* é recrutado para ligar orações a partir de processos de base metafórica, considerando sua semântica primária denotadora de espaço de eixo transversal de posição posterior. Por meio dos mecanismos cognitivos de neoanálise e de *chunking*, defendemos que as subpartes *atrás* (advérbio de espaço) e *de* (preposição) foram analisadas de um modo distinto, fazendo com que ambos os elementos fossem conceptualizados como um conector complexo, ainda que não prototípico.

A não prototipicidade desse conector é evidenciada sobretudo pela sua instabilidade, derivada do relativo grau de composicionalidade que se atesta entre *atrás* e *de*. É justamente essa falta de fusão plena que permite diferentes interpretações para as orações ligadas por esse conector: ora vistas como completivas ora como hipotáticas de finalidade. O exame atento desses casos, inspirado em Rodrigues e Barbosa (2007) e em Hopper e Traugott (1993), permitiu a defesa de que as orações introduzidas por esse conector não se integram propriamente nem no encaixamento nem na hipotaxe, visto que são híbridas, alocando-se como uma estrutura no intermédio desses dois processos. O fato de, em geral, os verbos de movimento integrarem essa estrutura em análise licencia, em grande medida, esse trânsito entre espaço e finalidade de um lado e entre complementação circunstancial e hipotaxe de outro.

Sem dúvida, a classificação de *atrás de* como conector oracional pertencente à rede [X de]_{connect} não é pacífica e está longe de ser consensual, justamente devido ao seu caráter marginal e relativamente composicional. Contudo, por meio da evocação de critérios semântico-pragmáticos e com base na visão funcionalista de categorização, concluímos que *atrás de* é um conector, ainda que não prototípico.

Para o futuro, almejamos estender o *corpus* de pesquisa, para que tenhamos uma visão mais ampla do fenômeno. Também será necessário analisar cuidadosamente os verbos que antecedem esse conector, o que pode apontar para diferentes graus de integração desse tipo de oração. O assunto não está esgotado; ao contrário, este artigo é uma primeira incursão no tema. Agora é hora de ir *atrás de* novos dados, de novos fatores de análise e de novas contribuições ao estudo dessa microconstrução conectora em particular e de outros aspectos concernentes à conexão de orações em língua portuguesa em geral.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BRAGA, M. L. Processos de combinação de orações: enfoques funcionalistas e gramaticalização. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p.

23-34, 2º semestre 2001. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/11718/9355>

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. *In*: JOSEPH, B., JANDA, R. (org.). **A handbook of historical linguistics**. Malden, MA: Blackweel Publishing, 2010.

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução por Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2016

CROFT, W. W. **Radical Construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

DECAT, M. B. N. A articulação hipotática adverbial no português em uso. *In*: DECAT, M. B. N. *et al.* **Aspectos da Gramática do Português**: uma abordagem funcionalista. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R.. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. (Orgs). **Linguística Centrada no Uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad x FAPERJ, 2013. p. 12-39.

GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. v.II. Amsterdã / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

GOLDBERG, A. E. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1995.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

HIMMELMANN, N. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? *In*: BISANG, Walter. *et al.* (Orgs.). **What makes grammaticalization?** Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21-42.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

- LACERDA, P. F. A. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**. Volume Especial, p. 83-101, dez. 2016.
- LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**: theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. *In*: HAIMAN, John; THOMPSON, S. A. **Clause combining in Grammar and Discourse**. John Benjamins Publishing Company:Amsterdam/Philadelphia, 1988.
- MATEUS, M. H. M. *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. Caminho Lisboa, 2003.
- MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. The Structure of discourse and “subordination”. *In*: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1988. p. 275-333.
- NEVES, M. H. de M. A gramaticalização e a organização dos enunciados. **Scripta**, 5(9), p. 13-22, 2001. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/11717>
- PERINI, M. **Gramática descritiva do Português**. São Paulo: Ática, 2005.
- RADDEN, G.; DIRVEN, R. **Cognitive English Grammar**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007.
- ROCHA LIMA, C. H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- RODRIGUES, A. C.; BARBOSA, L. L. O tratamento funcionalista da articulação de orações. *In*: NOGUEIRA, M. T. (Org.) **Estudos linguísticos de orientação funcionalista**. Fortaleza: Edições UFC/GEF, 2007. (CD) p. 273-277.
- ROSÁRIO, I. C.** Construções aditivas na perspectiva da LFCU: entre coordenação, hipotaxe e correlação. *In*: DIAS, Nilza Barrozo; ABRAÇADO, Jussara. (Org.) **Estudos sobre o Português em Uso**. 1. ed. Uberlândia - MG: Pangeia, 2020, v. 1, p. 107-120. Disponível em: <https://editorapangeia.com.br/product/estudos-sobre-o-portugues-em-uso/#:~:text=Nesta%20obra%2C%20voc%C3%AA%20encontra%20pesquisas,pesquisas%20recentes%20sobre%20o%20portugu%C3%AAs>
- ROSÁRIO, I. C. Esquema [X de]_{connect} em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso. **Matraga**, v. 29, n. 56, p. 362-378, mai./ago. 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/62105>
- ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**: Revista de Linguística (UNESP. Online), v. 60, p. 233-259, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>
- ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R.; LOPES, M. G. Pesquisas em Linguística Funcional Centrada no Uso. *In*: ROSÁRIO, I. C.; SANCHEZ-MENDES, L. (Orgs.). **Teoria e análise linguística**. Coleção Estudos de Linguagem. Niterói - RJ: EdUFF, 2022. p. 39-69.

ISBN: 978-65-5831-148-5. Disponível em: <https://www.eduff.com.br/produto/teoria-e-analise-linguistica-e-book-pdf-704>

ROSÁRIO, I. C.; SAMBRANA, V. R. M. Análise funcional da construção conectora contrastiva “mas olha”. **Soletras**, n. 41, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/download/54267/36707>

ROSÁRIO, I. C.; WIEDEMER, M. L. Contribuições da Linguística Funcional Centrada no Uso ao estudo da integração de orações. *In*: COELHO, F. A.; SILVA, J. E. N. (Org.). **Ensino de Língua Portuguesa: fundamentos e aplicações**. 1ed. Rio de Janeiro: Telha, 2020, v. 3. p. 287-305.

SOUZA, T. B. **Conectivos coordenativos portugueses**: por um estudo do sentido no universo textual. 2008. 164f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2008.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

ROSÁRIO, IVO DA COSTA; MACHADO,
MARCELLO MARTINS. ANÁLISE DO
CONECTOR **ATRÁS DE**: UMA VISÃO
FUNCIONAL CENTRADA NO USO.
ENTREPALAVRAS, FORTALEZA, V. 13, N. 1, P.
E260S, P.285-307 JAN.-ABR./2023. DOI:
10.2216S/2237-63211260S